

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE

História

História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos



UNISINOS – São Leopoldo – RS / 15 a 20 de julho de 2007

ANAIS

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

A Campanha das Diretas Já: narrativas e memórias

Lucília de Almeida Neves Delgado¹

Resumo: Análise de narrativas e das disputas da memória sobre a campanha das “diretas já” no Brasil de 1984.

Palavras-chave: política, narrativa, memória

Abstract: Analysis of narrations and memory controversies about brazilian political movement toward free presidential elections in 1984.

Keywords: Politics, narration, memory.

No dia 25 de abril de 1984 o amanhecer no Brasil foi marcado por especial expectativa. Após um período caracterizado por empolgantes mobilizações populares, que inundaram as cidades brasileiras, chegara o dia de votação, pela Câmara Federal, da Emenda Dante de Oliveira, que estabelecia eleições diretas para presidente da república. Aquele foi um longo dia, que incorporou as esperanças democráticas, da maioria da população brasileira, reprimidas por longos vinte anos de ditadura. Aquele foi também um dia encerrado com uma também longa votação, que invadiu a madrugada do dia 26.

Dante de Oliveira, deputado pelo PMDB do Mato Grosso, formalizou através de emenda constitucional, que se transformou em uma palavra de ordem, algo mais profundo: o anseio popular por transformações significativas na dinâmica da vida política brasileira. Mas o resultado da votação, não correspondeu às expectativas do povo que havia inundado praças e ruas, em torno da bandeira “das diretas já”. A contundente voz das multidões, incorporada pela locução de Osmar Santos, não alcançou suficiente ressonância junto aos parlamentares, que votaram contra o restabelecimento das eleições diretas. Foram 298 votos a favor, 65 contra, 113 deputados ausentes e 3 abstenções. Faltaram 22 votos para alcançar o quorum qualificado de 2/3 estabelecido para aprovação de emendas constitucionais.

Choros, semblantes fechados, silêncios e diferentes manifestações de indignação e de decepção foram ouvidos e vistos na madrugada do dia 26 de abril. Eram expressões do sentimento de muitos parlamentares no próprio plenário da Câmara Federal e de populares que assistiram a sessão parlamentar nas galerias daquela casa. Eram manifestações dos cidadãos brasileiros, que nos, bares, botequins, residências e praças públicas procuraram,

¹ *PUC Minas – Doutora em Ciência Política –USP

acompanhar, por meio de boletins da imprensa, a votação da emenda “das diretas já”, uma vez que a transmissão ao vivo foi proibida pelo governo federal.

Mas, apesar da derrota da emenda das diretas já a imagem das multidões lotando os espaços públicos, passou a integrar, de forma inequívoca, as páginas de nossa história e se constituiu como marca expressiva de uma trajetória sem retorno pela reconquista da democracia política, na década de 1980.

A “campanha pelas diretas já” foi, de fato, o maior movimento cívico/popular da história brasileira. O fervilhar das ruas traduziu uma forte simbiose entre bandeira política democrática e aspiração coletiva por liberdade. Transformou o ano de 1984 em marco da única campanha popular brasileira, que segundo Costa Couto (2004:27), nasceu do Parlamento e que segundo as narrativas de muitos petistas, teve sua primeira expressão no famoso comício do Pacaembu, realizado em 1983.

O mês de abril do ano de 1984, exatamente 20 após a deposição do presidente, João Goulart e da implantação de um regime autoritário no Brasil, pode ser considerado como ápice de manifestações, nas quais a população brasileira entoou o incontido grito: “diretas já”. As seguintes palavras de Antônio Brito, que no ano de 1984 era editor regional da Rede Globo em Brasília, expressam a dimensão histórica da conjuntura.

A emenda do Dante funcionou como uma espécie de imã atraindo tudo que estava ali meio dormindo, começando acordar a sociedade brasileira. Aquela palavra diretas polarizou, imantou, juntou toda energia de mudança que estava surgindo dentro da sociedade brasileira. Tudo que tinha sido abafado, reprimido, trancado durante tanto tempo explodiu. (REDE GLOBO DE TELEVISÃO, 2004).

Em decorrência do forte empenho de milhões de brasileiros em favor da mudança, a derrota da Emenda Dante de Oliveira não significou um ponto final na transição política. Inúmeras iniciativas, para o retorno do país ao estado democrático de direito continuaram sendo implementadas. Legitimaram-se pelo eco das vozes de milhões de pessoas, que fizeram das ruas e praças das cidades o espaço privilegiado para defesa de importantes aspirações republicanas, tais como: democracia política, representatividade, eleições periódicas para cargos do Poder Executivo e do Poder Legislativo e preocupação prioritária com os interesses públicos.

2. Alianças Políticas: a frente partidária e a sociedade civil na “Campanha das Diretas Já”

A “campanha pelas diretas já” constituiu-se em movimento suprapartidário, que reuniu os principais partidos de oposição ao regime militar em torno da bandeira de retorno das eleições diretas para presidência da república. Dentre os partidos oficiais que participaram da campanha destacaram-se: o PT, o PMDB e o PDT, que formaram o “Comitê Nacional Partidário Pró Diretas”. O PCB e o PC do B também contribuíram para difusão do movimento.

Inúmeras organizações da sociedade civil também estiveram presentes nas mobilizações de rua. Dentre elas destacaram-se, a UNE, a OAB, a ABI, o CONCLAT, a CNBB e a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo. A principal característica da campanha pelas “diretas já” foi seu caráter heterogêneo e sua despersonalização. De fato, a frente suprapartidária que coordenou, junto com entidades da sociedade civil, aquela importante campanha cívica era formada por partidos com diferentes programas e diferentes trajetórias.

Nenhum político de carreira ou líder partidário em particular sobressaiu-se na condução do movimento. Mesmo porque não era homogênea a compreensão sobre qual seria a melhor estratégia para se conduzir a relação como o governo. Havia divergências, especialmente, quanto ao grau de negociação a ser estabelecida com o governo militar.

O Partido dos Trabalhadores e seus militantes mostravam-se intransigentes na defesa da idéia de não se estabelecer qualquer diálogo. A afirmação de Luís Inácio da Silva, datada de 21 de março de 1984 e reproduzida por Alberto Rodrigues, é paradigmática, quanto a essa orientação (RODRIGUES, 2006:64)

Quando se fala em público, assume-se o compromisso moral com o povo, que não pode ser traído com conchavos e negociações. Estão falando em conchavos e negociações por baixo do pano. Não adianta porque o povo nas ruas vai passar por cima de quem ficar na frente (Luiz Inácio Lula da Silva)

Já algumas das lideranças mais tradicionais do PMDB defendiam, que às grandes mobilizações populares deveriam se somar negociações cuidadosas com o governo federal. A atuação do governador de Minas Gerais, Tancredo de Almeida Neves, quando dos preparativos para o comício realizado em Belo Horizonte é um dos melhores exemplos dessa orientação. O governador não só presidiu a comissão, que organizou o evento, como também solicitou pessoalmente ao Comandante da Divisão do Exército, que não colocasse a tropa de prontidão no dia do comício. Como contrapartida assumiu total responsabilidade pela ordem pública e pelo tom dos discursos que seriam proferidos. Além disso, negociou com os partidos comunistas a não exposição de bandeiras que ostentassem o símbolo da foice e do martelo. Sua compreensão, como a de outros expoentes do PMDB, como Franco Montoro e até mesmo Ulysses Guimarães, dentre eles o mais entusiasta da estratégia de realização de

grandes manifestações populares, era a de que a transição democrática ainda não estava garantida e que, portanto, cautela e negociação constantes eram fundamentais para que não houvesse retrocesso político.

De acordo com Rodrigues (2003) a divergência entre os membros do Comitê Partidário Pró Diretas expressava duas lógicas diferentes: a da ruptura e a da negociação.

Essas lógicas traduzem concepções diferentes sobre a práxis política em seu sentido mais profundo. A primeira corresponde a uma visão revolucionária, de base socialista, contrária à negociação com adversários. A segunda expressa uma concepção liberal democrática, que considera ser a prática política, espaço privilegiado para a construção do consenso possível.

3. Manifestações populares: festa na política

O sentido republicano da campanha das “diretas já” é inequívoco. A presença de trabalhadores, estudantes, desportistas, jornalistas, políticos, artistas, intelectuais, clérigos e mulheres nas ruas e praças brasileiras correspondeu a um forte protesto contra a ausência de liberdades no Brasil. Também serviu como canal de expressão do descontentamento com a condução da economia pelo governo militar. O Brasil nos anos de 1980 passava por um período recessivo e inflacionário, que corroía as condições de vida da população brasileira. Crise econômica e aspiração democrática, portanto, alimentaram a campanha das diretas já.

Os comícios, marchas e passeatas transformaram-se em espetaculares festas cívicas, regadas por esperança e enfeitadas por bandeiras multicoloridas. Foi um contexto de confraternização republicana. Em um mesmo palanque reuniam-se políticos posições diferenciadas como, Dante de Oliveira, Luís Inácio da Silva, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Franco Montoro, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, que ficou conhecido como “senhor das diretas”. Todavia, naquela conjuntura, projetos diferentes e divergentes dos agregaram-se em torno de um objetivo primordial: a restauração da democracia no Brasil.

Os palanques dos comícios se transformaram em palcos animados pela voz de Osmar Santos, que passou a ser conhecido como “locutor das diretas”. Também Fafá de Belém ao interpretar o Hino Nacional e a composição “Menestrel das Alagoas” em homenagem à Teotônio Vilela²

Osmar Santos em depoimento à Fundação Perseu Abramo assim se referiu à campanha das diretas:

² Teotônio Vilela, ex-político da ARENA, abraçou a causa da democracia e da anistia. Faleceu em novembro de 1983 e se transformou em um símbolo das “Diretas Já”.

A campanha das diretas já começou pequena, delicada, com a sutileza das idéias gene. E se transformou num oceano, num mar de gente espalhado pelas praças do país afora .A sensação de estar diante de um milhão de pessoas unidas pelo mesmo objetivo é indescritível. E significou a maior emoção de minha vida.Como se estivesse gritando gol um milhão de vezes, gol do meu povo, de minha gente. E que goooooooooooooo!!!!!!!!!!!!!!³

Festa na política, na verdade, foi o que aconteceu no Brasil na virada do ano de 1983 e nos primeiros meses de 1984. Festa alimentada por esperança. Festa democrática, que corroeu os últimos alicerces do regime autoritário. Festa da diversidade na unidade Festa republicana em um país de tradição patrimonialista. Festa da cidadania em uma nação na qual usualmente se desrespeitam os direitos básicos de seus cidadãos. Festa de projeção do futuro, em um tempo encoberto por névoas.

Foram muitas as palavras de ordem, que animaram o povo reunido nas praças. As mais populares eram: “*Presidente, quem escolhe é a gente. Eleições Diretas Já*”; “*Eu quero votar pra presidente*”; “*Um, dois, três, quatro, cinco, mil: queremos eleger o presidente do Brasil*” As ruas fervilhavam em grandes e ruidosas manifestações que ecoaram nos palácios governamentais.

A festa na política parecia apenas começar. Os reverses eram possíveis e até previsíveis, mas no horizonte vislumbrava-se a consolidação da democracia e a eleição não só para presidente da república, mas também para uma Assembléia Nacional Constituinte.

4. Movimento da história e Vozes da memória

Interpretações economicistas sobre processos históricos afirmam terem sido os anos de 1980 uma década perdida. Essa visão não corresponde, por inteiro, à realidade, pois não considera que o período, que se estende de 1978 (greves do ABC) a 1998 (promulgação da nova constituição) não foi perdido no que tange ao crescimento das organizações populares e à reconquista da democracia. A década de 1980, na verdade, comportou uma pressão crescente pela redemocratização do país. Foram anos nos quais se destacaram os seguintes acontecimentos: campanha pela anistia, retorno ao pluripartidarismo, eleições diretas para governadores de estado, campanha pelas diretas já, eleição, pela via indireta, de um presidente civil após quinze anos de rotatividade de generais à frente da presidência da república, eleição de uma Assembléia Nacional Constituinte, promulgação de uma nova Constituição, eleições diretas para presidente da república.

Todos esses acontecimentos foram importantes e compuseram um único processo. Mas como movimento de base popular, acoplado a um projeto institucional oriundo da

³ <http://www.fundaçãoperseuabramo.org.br/especiais/diretas/osmarsantos.htm>. 26/10/2006.

Câmara dos Deputados, a campanha pelas diretas alcançou repercussão inédita. Em decorrência, pode ser entendida como acontecimento síntese de um movimento mais amplo e prolongado de transição democrática.

Começou como manifestação ainda acanhada em 1983. Em 1984 assumiu características de empolgante campanha de massa, apoiada em uma inédita rede de movimentos populares urbanos e em partidos de oposição ao governo federal. Portanto, a campanha pelas diretas concretizou uma aliança entre políticos históricos, da geração que sobreviveu ao arbítrio, com a nova geração que formava o PT. Contou com a ousadia dos mais jovens e também com a perspicácia de uma geração que formada na dinâmica da vida política do pré 1964, resistiu aos muitos anos de autoritarismo.

No período compreendido pelo ano 1983, quando cinco mil pessoas desfraldaram no Ginásio Popular em Goiânia, a bandeira das “diretas já” e o PT organizou a primeira manifestação pública em frente ao estádio do Pacaembu em São Paulo, ao dia 16 de abril de 1984, data na qual, mais de um milhão de pessoas se reuniu no Vale do Anhangabaú também em São Paulo, aconteceram seqüentes manifestações populares, assim noticiadas pela Agência JB:

As Diretas Já tomaram as ruas. A emoção aparece clara na voz de milhões de pessoas que descobrem que o hino nacional é do povo. E que o povo tem voz e deve ser ouvido. A bandeira é o símbolo da terra, como se cantava obrigatoriamente nas escolas e que agora parece uma linda canção de esperança. Um grande momento do Brasil. (GONTIJO, 2003:141)

A campanha das “diretas já” foi a maior mobilização política popular do Brasil Republicano. Todavia no campo da memória, expressa pela narrativa de pessoas que dela participaram, a interpretação sobre sua estratégia e sua liderança não são convergentes. De fato, as vozes e os diferentes registros da memória, expressam, no tempo presente, as mesmas divergências presentes na frente suprapartidária, que a conduziu.

Ao visitarmos os sites do PMDB, do PT e do PDT, tais diferenças estão registradas de forma eloqüente. Para o PT, por exemplo, a campanha foi deflagrada pelo do comício do Pacaembu, realizado em outubro de 1983, sob a liderança do Partido dos Trabalhadores. A mesma interpretação pode ser encontrada em narrativas mais recentes de militantes e dirigentes deste partido, com as constantes em (MAUÉS; ABRAMO, 2006). Já a reunião em Goiás, realizada alguns meses antes, é considerada o marco desencadeador do movimento, pelos políticos do PMDB. Ambos discursos, buscam se apropriar do que podemos denominar mito de origem.

As vozes também são dissonantes no que se refere aos desdobramentos da campanha e à definição de sua estratégia. Para o PDT à Leonel Brizola e ao seu partido cambem os maiores méritos pela realização das mobilizações de massas. O mesmo registro é difundido pelos petistas. Já o PMDB, conclama-se como responsável pelo início do processo, através da emenda Dante de Oliveira e pelo seu simbolismo maior, na figura do Senhor das Diretas, Ulysses Guimarães.

Os poucos artigos e livros publicados sobre o tema também registram interpretações diferentes sobre a paternidade e a condução do processo. Sugerimos, nesse sentido, uma leitura comparativa das seguintes publicações (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004) e (RODRIGUES, 2003)

A verdade social não é estática, pois, inúmeras vezes, a dinâmica da memória, além de traduzir a atualização constante do ato de registrar e representar as lembranças, revela a disputa pela herança construída.

No caso da campanha pelas diretas, que envolveu partidos políticos, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, a disputa pela sua paternidade parece-nos vazia de conteúdo, mesmo que simbólico, pois tão singular campanha cívica expressa a marca da heterogeneidade, que é peculiar à política. De fato, no terreno institucional, ou seja, no âmbito do parlamento, ao PMDB cabe a paternidade do processo, mas quando a campanha ganhou as ruas, a construção do consenso entre os diferentes, que buscavam o mesmo objetivo, não permite registrar como tendo sido única ou prioritária a paternidade e a liderança do processo. À época muitas vozes foram expressas em um único coral, composto por tons e timbres diferentes, a produzir uma sinfonia, senão harmoniosa ao mesmo ritmada. O hino das diretas não teve um único compositor, nem mesmo compositores mais importantes que outros. Teve sim, diferentes regentes, que se amalgamaram em torno de um único objetivo.

De fato, após a derrota da emenda Dante de Oliveira, pela Câmara dos Deputados, em abril de 1984, tanto as divergências latentes, como as expressas ao longo do processo da campanha, tornaram-se mais contundentes. Mas aí começava um outro capítulo da mesma história.

Na própria madrugada do dia 26 a aliança heterogênea de partidos e organizações da sociedade civil se dissolveu e a disputa pela propriedade da maior campanha cívica do período republicano da história do Brasil, ganhou força e continua orientando as diferentes narrativas da memória até os dias presente.

Mesmo porque, pouco tempo depois, sem a presença do PT e sem a mesma unidade alcançada nas mobilizações pelas diretas já, milhões de brasileiros voltaram às praças públicas e às ruas das cidades, fazendo da campanha pelas eleições indiretas para presidente uma outra festa na política. Uma forma renovada de registrar a esperança.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, M H. **Estado e oposição no Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2005.
- COUTO Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. Brasil: 1964-1985. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- COUTO, Ronaldo Costa. *Apresentação*. In: LEONELLI, Domingos e OLIVEIRA, Dante. **Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2004. Pp. 25-28.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *O Brasil do senhor das diretas*. In: **Revista Nossa História**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, n 7. Pp. 80-83. 2004.
- GONTIJO, Silvana. **A voz do povo**. O Ibope do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**: Diário da campanha das diretas. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KUCINSKI, Bernardo. **O fim da ditadura militar**. São Paulo: Contexto, 2001.
- LEONELLI, Domingos e OLIVEIRA, Dante. **Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MAUÉS, Flamarion e ABRAMO, Zilah. **Pela democracia, contra o arbítrio**. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.
- MOREIRA, Maria Ester Lopes. Diretas Já. In: ABREU, Alzira *et al.* (coord). **Dicionário histórico e biográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2001. v. 2. pp, 1879-1892.
- REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. (Memória Globo). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 407 pp.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já - O grito preso na garganta**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- SADER, Emir. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980). Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil republicano**: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Record, 2003. Pp. 243 a 282.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Castelo a Tancredo, 1964-1985. São Paulo: Paz e Terra, 1988.